

Florianópolis (SC)
maio/junho de 2008
Ano 3
Nº 13
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas

Histórias à espera de um livro



A exemplo
das
"Mulheres de
Cabul", elas
querem
contar suas
vidas para o
mundo

Página 14

Mulheres da Chico
procuram uma
editora e querem
mostrar que não
só ricos e famosos
têm vez no mundo
das publicações



CaPa

14 Histórias à espera de um livro

- 04 Trabalho no Monte Cristo ensina o ECA a ser adulto
- 07 O maio latino-americano
- 14 As mulheres da Chico
- 19 Guerrilheiras da palavra
- 24 O renascimento do Che

Seções

03 Editorial

Pixurum que faz andar

11 Croniportagem

O show está nas ruas

18 Crônica

A difícil arte de ser só

21 + um número

22 Croniportagem

Educar, brincar, viver

26 Tempo Livre

27 Poesia

Celebração



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro, nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Celso Vicenzi
- Darci Demetrio
- Elaine Tavares
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Raquel Moysés
- Ricardo Casarini
- Rosangela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi
- Samira Moratti
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens

Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)
Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)
www.sindprevs-sc.org.br

Florianópolis/Santa Catarina

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
 - Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 23,00
(inclui as despesas
com o Correio)

Pixurum que faz andar

A expressão “trabalho de equipe” é típica do mundo empresarial. Vamos falar de “pixurum da *Pobres*” para dar a idéia do espírito que nos anima a entrar no terceiro ano da revista, consolidado nesta 13ª edição. É certo que a *Pobres & Nojentas* continua sua caminhada por um motivo precioso: quando uma de nós está desanimada, outra aparece plena de vontades e desejos, e assim se dá o pixurum, essa palavra de origem tupi que tem a ver com mutirão. Uma anima a outra e esse fazer coletivo das e dos jornalistas envolvidos na produção da revista é que a faz andar.

- Já saiu outra *Pobres*? - perguntam amigos e conhecidos que nos encontram nas ruas de

Florianópolis. - Vai sair, vai sair! - respondemos, apostando que o jornalismo feito nas margens possa ser perene, caudaloso e insaciável no desejo de apontar um mundo outro, onde haja lugar para todos.

O pixurum para construir a *Pobres* alicerça-se igualmente no apoio cultural do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina. Apesar de o discurso em defesa da democratização dos meios de comunicação ser comum nos sindicatos, o Sind-prevs é um dos poucos que faz disso uma prática que frutifica. Basta ler o texto que inicia na página 14, assinado por Marcela Cornelli.

É graças ao fazer coletivo que esta edição também chega exibida, com projeto gráfico renovado. Pelas mãos e idéias das jornalistas Rosângela Bion de Assis e Sandra Werle a revista tem novas artes, letras, tons, tudo a serviço da vontade que temos de cristalizar em palavras os feitos e ditos de quem só se percebe pleno na inteireza do outro.

aGRaDeCiMeNTO



A P&N torna-se realidade graças ao Mago das Gráficas Hélio Devigili, cujo trabalho, a cada edição, possibilita a concretização do projeto da revista. Sempre que uma das jornalistas da equipe está em apuros por causa de algum problema relacionado a todo o processo que envolve a produção de impressos, a recomendação é a mesma: - Liga pro seu Hélio!



Foto: Elaine Tavares

Dagmar Camargo,
da Associação Mundial
das Rádios Comunitárias,
lê *Pobres e Nojentas*

Blog da revista

<http://pobresenojentas.blogspot.com>

Trabalho no Monte Cristo *ensina o ECA a ser adulto*

Por **Miriam Santini de Abreu**, de Florianópolis

Estatuto da Criança e do Adolescente faz 18 anos com avanços na Liberdade Assistida

A sala de paredes forradas de azulejos brancos tem uma mesa, sofás e algumas cadeiras. A maçaneta da porta, tal como a vida, às vezes emperra, mas basta, para destravá-la, um certo jeito de girar a chave. O endereço é o prédio do Conjunto Habitacional Chico Mendes, no bairro Monte Cristo, em Florianópolis. Ali é um dos locais onde, de duas a quatro vezes por semana, Fabíula e Andréia, formadas em Serviço Social, atendem jovens das comunidades Chico Mendes e Nossa Senhora da Glória que cometeram atos infracionais e cumprem medida sócio-educativa de Liberdade Assistida na modalidade Comunitária, que é chamada de LAC. As colegas Taís e Carina fazem o mesmo trabalho em outras sete comunidades do bairro.

Que se esclareça desde já. As expressões ato infracional e medida sócio-educativa estão no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, que completa 18 anos em julho. É a forma de nomear a conduta de quem, com menos de 18 anos, infringe a lei. Somente para os adultos usam-se as palavras crime e contravenção penal. Diz a professora e pesquisadora Leyla Perrone-Moisés que a língua é insuficiência e resistência. Por isso as palavras da lei federal buscam produzir sentidos novos. O Estatuto é um texto de resistência num mundo que, para a maioria, é de insuficiências.

O acompanhamento de Liberdade Assistida na modalidade Comunitária foi pioneiro no Bairro Monte Cristo, localizado na parte continental de Florianópolis e do qual fazem parte nove comunidades (Chico Mendes, Nossa Senhora da Glória, Novo

Horizonte, Monte Cristo, Santa Terezinha I, Santa Terezinha II, Nova Esperança, Conjunto Habitacional Panorama e Promorar), totalizando cerca de 30 mil habitantes. De 2002 até o final de 2006, o trabalho era de responsabilidade da Ação Social Arquidiocesana. Depois passou a ser responsabilidade do poder público municipal, que também já executava a Liberdade Assistida na modalidade Institucional.

A LAC acompanha os adolescentes residentes nas comunidades do Bairro Monte Cristo com base em atendimento e acompanhamento individual e familiar na própria comunidade de origem. Na LAI, ao contrário, os atendimentos são feitos na sede do Programa, localizada na Cidade da Criança de Florianópolis, no Bairro Agrônoma, e por meio de visitas domiciliares. A aplicação das medidas sócio-educativas - há seis possíveis

- cabe ao juiz ou ao promotor de justiça. Uma palavra define a diferença da LAC: envolvimento.

Força para lidar com as provações diárias

Diz Carina Eligia Granemann, a lagueana que se mudou para Florianópolis para estudar: "Todo atendimento é único, e vejo um crescimento pessoal muito grande. Conhecemos os adolescentes e as famílias e isso também me fortalece, porque eles têm força para lidar com provações diárias. As pessoas nos recebem, abrem as portas. O respeito é recíproco e recompensador, e se aprende muito". "É uma experiência enriquecedora", acrescenta a assistente social Taís Coelho da Silva, gaúcha de Torres.

Hoje cerca de 60 adolescentes do bairro recebem acompanhamento pelo Programa. A permanência é de, no mínimo, seis meses, segundo o ECA, e considerado pela equipe como tempo mínimo para o estabelecimento de vínculo e formação de laços de confiança com os adolescentes e seus familiares. A maioria dos atos infracionais é ligada ao porte e venda de drogas. Às vezes o tráfico é a única opção para esses jovens, com frequência golpeados pelo preconceito já na hora de dizer onde moram. A realidade da maioria é bem diferente daquela evocada pelo Capítulo I do Estatuto, que fala do Direito à Vida e à Saúde:

A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

Depois da medida aplicada por causa de um ato infracional, verifica-se a situação da família e do jovem. Para cada um é construído o Plano Individual de Atendimento, um acordo entre o adolescente e o profissional que o atende para que fiquem claras as atividades que ele deseja fazer e as medidas que deve respeitar durante o cumprimento da Liberdade Assistida. O documento é encaminhado à Justiça da Infância e da Juventude. "Pensamos em algo que ele possa fazer, incentivando o retorno à rede

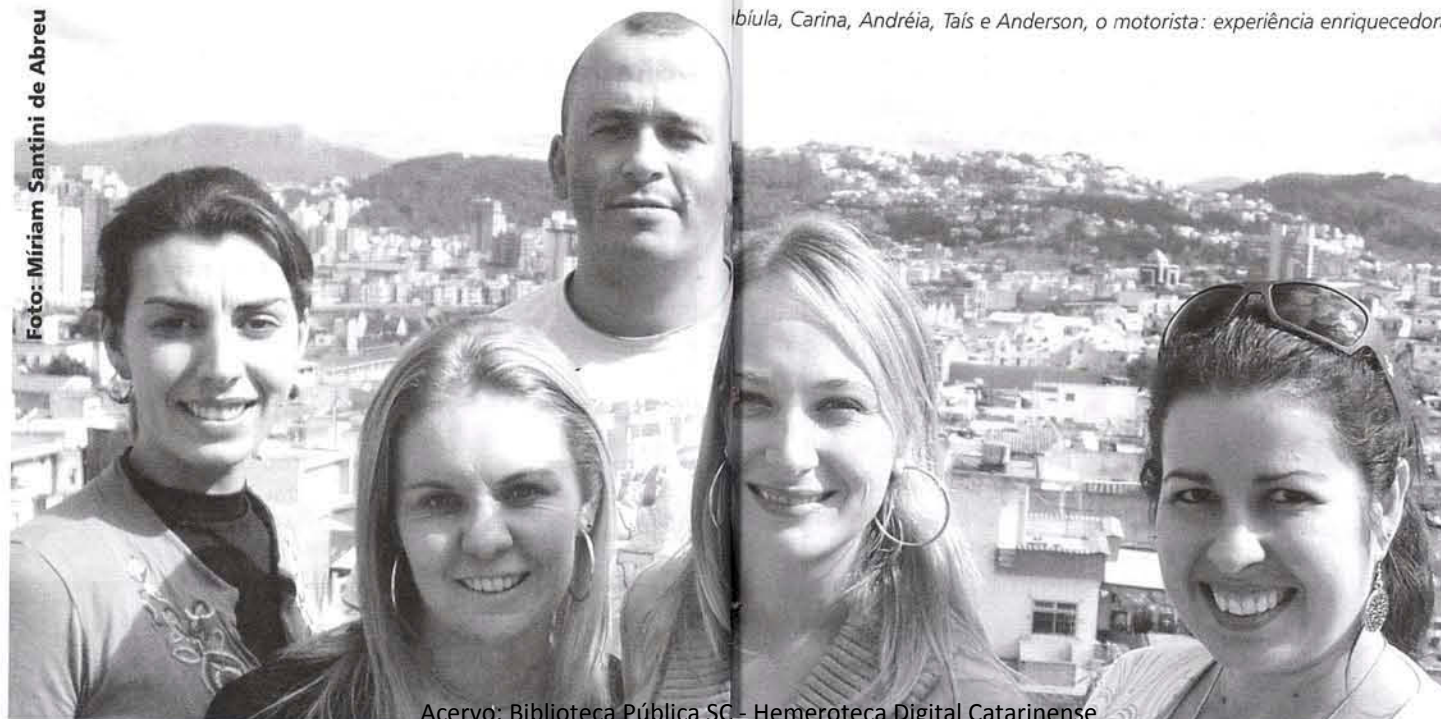


Foto: Miriam Santini de Abreu

Fabíula, Carina, Andréia, Taís e Anderson, o motorista: experiência enriquecedora

de ensino escolar, mas pode ser um curso, esporte, atividade no mercado de trabalho”, explica Andréia Carla Tonin, gaúcha de Erechim que vive na Capital catarinense há oito anos. “O adolescente escolhe, não tem que aceitar um pacote pronto.”

Foi assim com um jovem de uma das comunidades do bairro. O caminho que ele percorreu por causa da venda de drogas, do Poder Judiciário ao emprego em uma secretaria da Prefeitura de Florianópolis, teve duas pontes: a família e a inserção no projeto de Liberdade Assistida Comunitária. “No começo eu não gostava, mas aí aconteceram algumas coisas, eu arrumei serviço, voltei a estudar”, diz ele. O pai comenta que vivia aflito na época em que o adolescente – o mais novo de seus filhos – se envolveu com as drogas. “Se não tivesse parado, ou

tava preso ou tava morto.”

A família se uniu para apoiar o jovem. A dívida com traficantes foi paga, e assim eles se afastaram. “Hoje vejo a vida de outra forma, a LAC significou muito”, avalia o pai, natural de um município da Grande Florianópolis, que começou a trabalhar aos nove anos vendendo picolé, frutas e capinando quintais, e há 15 anos mudou-se para a Capital, onde conseguiu construir a casa própria.

A ligação entre os jovens, as famílias e a equipe da LAC é reforçada na Rede de Entidades Articuladas do Bairro Monte Cristo. A Rede une pessoas ligadas a diversas entidades governamentais e não-governamentais atuantes no bairro e que discutem e colocam em prática ações conjuntas. Na Rede, como na LAC, o objetivo é se fortalecer no coletivo.

*“Cuide de quem
Corre do seu lado
E quem te quer bem”*

Pontes indestrutíveis, Charlie Brown Jr.

Direitos violados

Conta uma mãe:

- Caminhei tanto para ver se alguém me dava uma ajuda. Caminhei, caminhei, não conseguia nada, não sabia a quem me apegar.

A luta começou quando ela descobriu que um dos filhos, o seu menino que engraxava sapatos e fabricava pandorgas para vender no Centro da Capital, havia se envolvido com o tráfico de drogas. Catarinense do interior do estado, a mãe não era mulher de se curvar, porque havia nove filhos para criar. Mas ver um deles desgarrado foi peso demais. “O sofrimento era muito grande”. O adolescente, agora com 18 anos, trabalha e estuda, e

foi um dos primeiros no bairro a cumprir medida sócio-educativa de Liberdade Assistida na modalidade Comunitária.

Quem atua junto aos jovens e às famílias percebe o valor dessa transição. Diz a assistente social Fabíula Gonçalves Martins: “O ato infracional é um momento na vida do adolescente, e todos têm, atrás de si, uma história de vida. Os direitos são violados desde cedo e, às vezes, a LAC é um caminho para eles”. A florianopolitana cita a música *Pontes indestrutíveis*, de Charlie Brown Jr., para enfatizar que a possibilidade de construir vínculos é o que enriquece a LAC como medida sócio-educativa.

O maio latino-americano

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

O mês de maio trouxe com ele a lembrança de um outro maio, o de 68, quando, em função de uma série de acontecimentos envolvendo as gentes em rebelião, mudou a temperatura do mundo. O epicentro lembrado em prosa e verso foi na França, quando uma manifestação estudantil vinda da periferia de Paris acabou rechaçada pela polícia e fez

o país inteiro se levantar em barricadas. Das universidades para as fábricas, das fábricas para a rua e a França,

que dormia em tranqüilo berço, sacudiu num frenesi. Os jovens rechaçavam os partidos de esquerda mumificados e inertes, confrontavam um governo fechado à participação e renegavam os pensadores pessimistas que não viam possibilidades de transformação naquele momento do capitalismo. Assim, de um repúdio à reforma Fouchet, que mudava a lógica universitária, as manifestações estudantis lograram aquecer o coração dos trabalhadores e, junto com eles, questionar todo um jeito de organizar a vida. A Europa, que flanava num vazio, se encheu de vida e sacudiu o mundo.

Mas a explosão francesa não ficou sozinha do plano mundial. Em outros países europeus feito Espanha e Itália, como em vários cantos do planeta, a vida pulsava sedenta de rebeldia. Na Tchecoslováquia o povo também

se insurgiu, querendo melhorar o socialismo. Cada lugar com seus motivos, mas todos aparentemente ligados numa mesma onda de vontade de mudar. Daí toda essa magia que ainda emana desta data histórica. Diz o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein que aqueles dias colocaram por terra os dogmas da modernidade tais como

o progresso, a democracia representativa, o estado e a ciência e, embora não tenha durado

mais do que dois anos, o movimento francês deixou marcas profundas na construção destes tempos que vivemos.

A idéia do início do fim da modernidade pode até ser um bom argumento para explicar a realidade europeia, visto que, lá, muitos destes pressupostos chegaram a vingar. Mas, certamente, seriam necessários outros olhares para entender a descolonização africana, os movimentos de libertação em alguns países árabes, o conflito com Israel e as rebeliões e lutas armadas na América Latina. Nestes espaços geográficos, a proposta de modernidade iniciada com as grandes navegações e a consolidação da Europa como centro de um sistema-mundo sempre apareceu como farsa. Basta ver que ela semeou não o progresso, mas a destruição, não a democracia, mas as dita-



**Rebeliões de 1968 não
aconteceram só na França**

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

duras, não um estado soberano, mas um estado dependente, e tampouco conseguiu lograr uma ciência própria, senão uma repetição do mesmo-europeu, quando muito a inovação.

Não é sem razão que os motivos que levaram os africanos, árabes e latino-americanos às ruas e à luta armada tenham sido diferentes dos que provocaram os estudantes e trabalhadores franceses. Se na França havia um organizado propósito de consolidar os valores do capitalismo de mercado, com universidades tecnológicas e o império da mercadoria, na periferia do sistema as gentes se debatiam em sociedades quase feudais nas quais o capitalismo aparecia apenas como forma de opressão, miséria e dependência.

Lutas populares por libertação

Na América Latina as lutas populares revigoraram nos anos 50 e, nelas, a intervenção estadunidense foi decisiva. A Guatemala, em 1952, iniciava seu processo de reforma agrária, querendo nacionalizar a United Fruit, voraz e predadora empresa dos Estados Unidos. Foi o suficiente para que as tropas dos EUA invadissem o país em 1954, liquidando com possibilidades de outras formas de organização da vida que não a imposta pelo império emergente. Esta invasão, inclusive, foi fermento para o processo de libertação de Cuba, que culmina em 1958.

Também em 1958 o Brasil entra na rota das lutas populares com a criação das ligas

camponesas que revolvem os campos e propõem a reforma agrária. Esse movimento só será estrangulado em 64 com o golpe militar. Mesmo os Estados Unidos não ficam imunes aos ventos da mudança e no início dos anos 60 enfrentam a luta dos negros pelo fim da discriminação racial. Movimentos como os do pacifista Martin Luther King levam milhões às ruas. Malcon X, outra vertente, mobiliza outros tantos, e o nascimento do Partido dos Panteras Negras, de tendência marxista, em 1966, exacerba ainda mais este filão.

O ano de 1964 marcará outra série de acontecimentos que desembocam em lutas sociais. A República Dominicana, que ensaiava seus bamboleantes passos em direção a um país livre, depois da cruel ditadura de Rafael Trujillo, também recebe a intervenção dos "marines". Eleito pelo partido revolucionário, Juan Bosch, um professor progressista, não ficou sete meses no cargo. Os Estados Unidos não suportariam uma nova Cuba.


O Brasil igualmente sofreria a intervenção através do apoio dado ao golpe militar que depôs João Goulart, também articulado no campo da esquerda. Na distante Palestina nasce a OLP, em resposta ao crescente poderio de Israel, estado criado com o aval dos estadunidenses, dentro da velha política intervencionista, nas terras antes ocupadas pelos palestinos. E é ainda sob o seu manto que Israel leva às últimas conseqüências seus desejos de poder, estreitando ainda mais as fronteiras da Palestina em 1967, na famosa guerra dos seis dias.

Desde então, os conflitos com os palestinos só tem se acirrado, com cada dia mais uma lista de maldades sendo praticada pelo estado sionista. Não bastasse tudo isso, os Estados Unidos iniciam uma guerra contra o Vietnã, estendendo seus tentáculos para a Ásia.

Já na África, o processo de descolonização seguiu numa outra vertente. Gana se independizou em 1957, pendendo para o bloco soviético. Em 1960 outras 16 nações lograram a independência sem que houvesse maior interferência por parte dos EUA. E em 1962 foi a vez da Argélia, também assumindo um viés socialista. A Europa tremeu, pois neste roldão foram-se espaços importantes de dominação, mas estava enfraquecida depois da guerra. Além disso, o tratado de Ialta, fechado por EUA e URSS, equilibrava os pontos de intervenção de cada grande potência. De qualquer forma, o fim do colonialismo no grande continente africano foi um momento importante na história e mexeu com as estruturas da política européia, dando seus respingos na luta que floresceria em 68.

O 68

Então, quando na França os estudantes levantaram barricadas contra o sistema capitalista, os países da periferia já vinham trilhando longa caminhada de lutas pontuais. Mas, ninguém nega, os protestos em Paris colocaram mais lenha na fogueira. No Brasil, os jovens estudantes iniciaram seus levantes bem antes do maio. Foi em março, pouco depois da morte de Edson Luís, numa das tantas passeatas



que faziam contra a ditadura militar. E, por longo tempo, foi nas universidades que se formaram os grupos de resistência que atuariam, inclusive, na luta armada. Não havia vazios naquelas mentes, e boa parte dos que estavam envolvidos com os protestos fazia política de forma consciente. Havia um regime ditatorial para derrubar.

Os estudantes mexicanos foram os que pagaram o maior preço. Lutando por melhorias na universidade nacional, os estudantes da capital fizeram emergir um grande movimento envolvendo outras universidades do país. Até que, no dia 2 de outubro, pouco antes das Olimpíadas que se realizaram naquele país, o governo decidiu – a pedido dos Estados Unidos – dar um basta ao movimento. E, quando milhares de jovens marchavam pela praça central, uma ação do exército manchou de sangue a política mexicana. Naquele dia, mais de 300 pessoas – número oficial – tombaram mortas, no chamado massacre de Tlatelolco.

Na Colômbia, neste mesmo ano, tomam corpo vários grupos de libertação entre eles as FARC e o ELN. Na Nicarágua e em El Salvador principiam também as articulações para lutas futuras que desembocariam nos sandinistas e na Frente Farabundo Martí. A vida na América Latina seguia se apegando a coisas essenciais como, por exemplo, o próprio direito de existir. Um ano depois, em 1969, a Argentina também entraria na rota das lutas, na estreante ditadura, quando, na cidade de Córdoba, os trabalhadores protagonizaram greves gigantescas, com total apoio popular, contra as

propostas de abertura de mercado interno para multinacionais e em resposta a proibição das greves pelo governo. Aquele episódio sacudiu o país e abriu caminho para lutas mais organizadas contra o regime.

Promessas não-cumpridas

As lutas por libertação iniciadas nos anos 50 ainda não se cumpriram nesta “nuestra América”, mas o desejo das gentes segue desperto. Os anos 70 foram duros tempos de embate com o império na América Central e chegaram a configurar alguns momentos importantes como o primeiro governo sandinista. Mas a força da política e das armas estadunidenses lograram destruir esses sonhos. Foi necessário então um longo processo de reestruturação que só começou a se desenhar no início dos anos 80, com a organização do povo chiapaneco no sul do México.

A derrocada da União Soviética também tirou do eixo muita gente boa e a propaganda capitalista do fim de todas as utopias conseguiu arrebanhar muitos adeptos que se perderam na apatia. Mas o primeiro de janeiro de 1994 inauguraria um tempo novo na luta latino-americana e que até agora segue gerando frutos. Foi quando estava para entrar em vigor o plano Nafta, que criava um bloco entre Estados Unidos e México, que um grupo denominado “zapatistas” ocupou militarmente cidades e proclamou em alto som: *Ya basta! Nunca más el mundo sin nosotros*. Eram os povos

originários de Chiapas, que introduziam, no cenário de “fim de tudo”, a atual luta contra o neoliberalismo.

Quatro anos depois um militar bolivariano, Hugo Chávez, faz sua aparição na Venezuela, falando em pátria grande e socialismo. Vai provocar outra onda de movimentos com base autóctone e libertadora. Os ideais de Bolívar de uma união das nações desta parte do continente vão se cruzar com o renascimento das idéias de Tupac Amaru e Tupac Catari, que reivindicam um lugar para o povo originário. Isso posto gera um caldo rebelde que começa a fazer história. No ano 2000, os povos originários do Equador encabeçam uma luta sem trégua contra o presidente Lúcio Gutiérrez que havia sido eleito em cima de promessas que não se atrevia a cumprir. Pois o povo cobrou e o defenestrou. O povo boliviano protagoniza em 2002 outra luta importante: a guerra da água, que foi uma batalha violenta das gentes de Cochabamba contra as multinacionais e o governo. Lutas que abriram caminho para outros levantes em 2003 e 2004, que acabaram expulsando do poder um presidente que falava com sotaque gringo.

Em 2005 outra luta que aparece com força é a revolta dos invisíveis, os imigrantes latinos, que saem às ruas nos Estados Unidos pelo direito de ficarem no país, contra as leis de imigração cada dia mais duras. Pela primeira vez esse povo, frequentemente amedrontado, mostra a cara e reivindica viver o prometido “sonho americano”, tão alardeado pelo império. Em 2006 o México volta à cena com

A cara do mundo, que também como casa geral agoniza, está mudando depressa. O desafio agora é fazer com que destas lutas todas possa brotar algo novo, completamente novo, que dê outra direção à humanidade.

a luta da gente de San Salvador Atenco. Um conflito que começou por conta de uma nova lei que acabava com as terras comunais, coisa considerada quase sagrada pelos mexicanos. Para a construção de um aeroporto, o governo desapropriou terras e o povo saiu às ruas. Foram reprimidos com violência policial, prisões ilegais e estupro de mulheres.

Também em 2006, e ainda no México, o mundo vai acompanhar a luta do povo de Oaxaca. Esta também começou de uma simples greve de professores que foi rechaçada pela polícia e encontrou acolhida entre a população. Revoltadas com todo um histórico de violência e retirada de direitos durante o governo Fox, as gentes se organizam em barricadas, tomam as ruas, as rádios, as televisões e enfrentam a repressão por seis longos meses, exigindo a saída do governador do estado. A guerra só termina quando a morte de um jovem estadunidense leva o governo a promover a tomada da cidade de forma violenta. Ainda assim, o povo logra vencer na sua reivindicação inicial e o governador deixa o cargo.

Agora, em 2008, as gentes de "Nuestra América", da Pátria Grande, Abya Yala, seguem lutando para construir um esperado re-começo de vida cooperada e solidária, de riquezas repartidas, de outra forma de organizar a vida. O movimento

dos povos originários segue firme na defesa dos territórios, dos recursos naturais. Lutas heróicas são travadas na Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, todas em defesa da água, contra a privatização e o tratado de livre comércio com os Estados Unidos. Na Colômbia, camponeses, indígenas e trabalhadores urbanos lutam pela conquista da soberania. No Chile os estudantes estão na rua, agora mesmo, pelo direito a uma educação pública e o povo Mapuche enfrenta bravamente as empresas estrangeiras de celulose. No Paraguai o movimento dos sem-terra cresce e reivindica. Na República Dominicana cresce o movimento por moradia. Costa Rica se levanta contra o TLC, Porto Rico insiste na luta por independência. No Uruguai, camponeses e trabalhadores enfrentam a lógica neoliberal. No Haiti, as gentes resistem a toda barbárie liderada pelo Brasil numa guerra de ocupação. No Brasil insistem os movimentos contra as barragens e pela terra. No Equador e na Bolívia a queda de braço por uma sociedade outra, que não a capitalista, segue renhida. A Venezuela vai resistindo aos ataques do império. É um tempo de muita movimentação popular.

Mesmo na Europa, a erupção da questão migratória vai gerando focos de tensão e lutas. As gentes até ontem dominadas e destruídas estão

cobrando suas faturas. O índice de migração para os países ricos é crescente e, segundo Wallerstein, em menos de 10 anos, os migrantes poderão formar a metade das populações destes países, tendo portando uma força abissal.

Garantir a vida no planeta

A cara do mundo, que também como casa geral agoniza, está mudando depressa. O desafio agora é fazer com que destas lutas todas possa brotar algo novo, completamente novo, que dê outra direção à humanidade. Samir Amin, no seu livro sobre o eurocentrismo, apresenta a tese de que foi a periferia do mundo tributário que logrou inventar o capitalismo que se estendeu e virou um sistema-mundo. A se considerar isso, a força da periferia, então está nas mãos desta parte do mundo inventar um jeito de viver que garanta a vida do planeta e também de todas as gentes. Algumas pistas já se anunciam na recuperação de valores antigos que seguem sendo universais tais como a cooperação, a solidariedade, a auto-gestão, a distribuição da riqueza. Um legado das comunidades originárias que pode ser re-inventado e trazido à luz, não como retorno ao passado, mas como alavanca para a construção de um futuro diferente, onde caibam todos e não só alguns.

O show está nas ruas

Por Darci Demetrio,
de Porto Alegre

Caminhar pelo centro de Porto Alegre é uma rica experiência. Tem de tudo por lá. Começando pela chusma de sobrinhos, alguns barbados, que a gente encontra no caminho. "Tio, me dá um troquinho aí?", diz, por exemplo, o cara plantado na calçada como se fosse um posto de pedágio. Descobre-se também porque há tantos coletores de lixo, tamanha é a quantidade de volantes que nos põem nas mãos, oferecendo algum tipo de serviço. O diabo é que muita gente, com o coletor de lixo bem ali, no focinho, joga no chão o papel que recebe. O gari limpa e alguém suja. Parece uma disputa pra ver quem leva a melhor. Dizem que há grupos se organizando para reagir. Vai ser assim: sempre que alguém jogar algo no chão, o militante junta e entrega de volta ao porca... ops, ao cidadão. "Olha aqui, meu amigo, o senhor deixou cair este papel." Outros serão menos diplomáticos:

- Só queria ver como é a casa de uma moça como você, relaxada desse jeito.

"Vidente? Cartomante? Isso já era. Madame Yara dá conselhos e orientação de acordo com modernos métodos de especialistas em auto-ajuda da era da informática. Madame Yara tem experiência como personal trainer". Era isso o que estava escrito num papelucho que uma guria me entregou, na Borges de Medeiros. Fui conferir.

Madame, a mulher que amo se mandou. Ela volta?

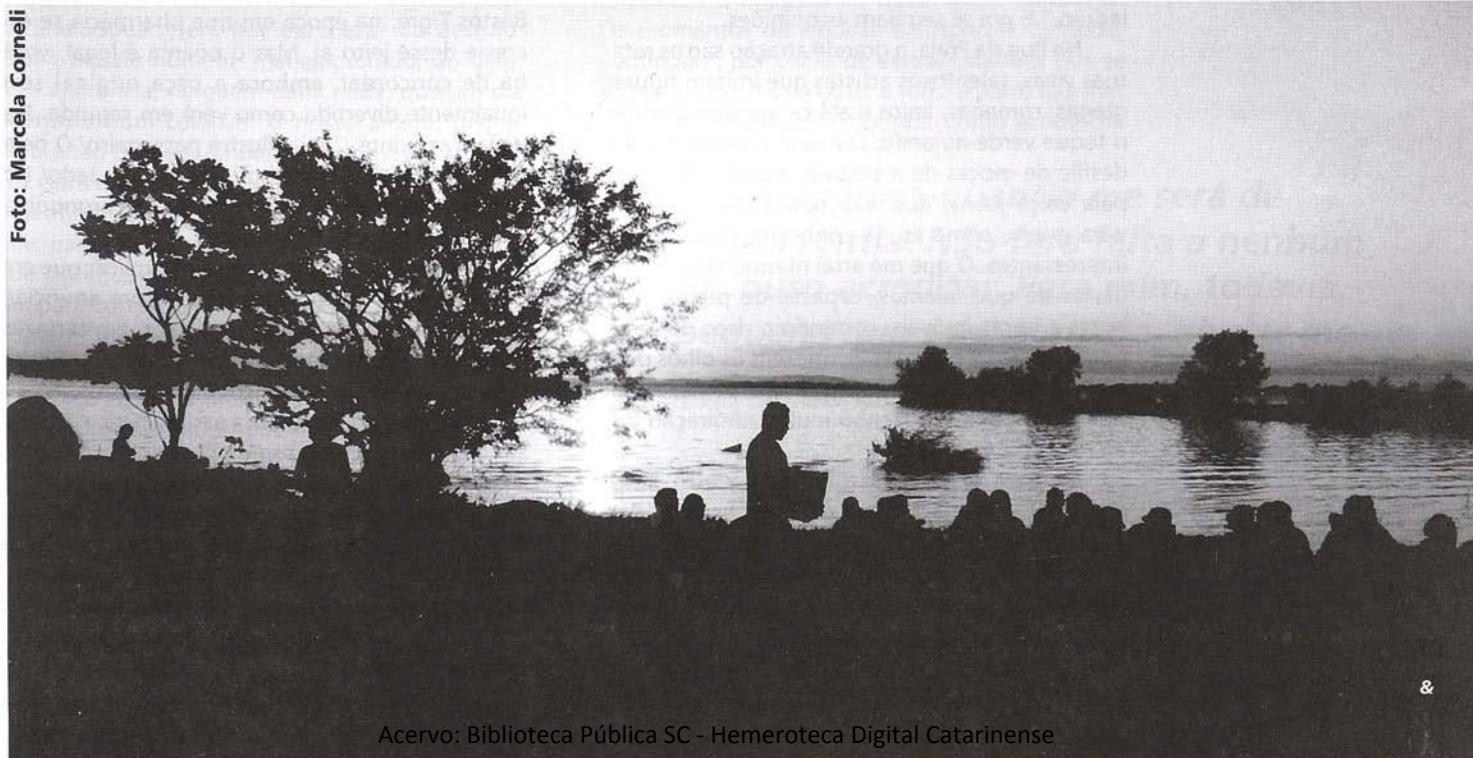
- Isso, meu filho, só Deus Sabe. E, depois, pra quê? Quer mais sarna pra se coçar? Arruma outra. Os chats da Internet são o canal. Tem aos montes. Hoje em dia a pessoa tem que acompanhar a modernidade, não lhe parece? São dez pilas. Passar bem. O próximo!!! Coerente, madame Yara, em vez de bola de cristal, tinha um notebook na peça.

"Chuva, chuva", começou a gritar de repente um cara agitado, na Marechal Floriano. Chuva? Como assim, se fazia um céu risonho e límpido, conforme diz a letra do hino da pátria amada,



Pôr do sol no Guaíba

Foto: Marcela Corneli



idolatrada, salve, salve. Um amigo, pouca coisa mais esclarecido, explicou que “chuva” é o código dos camelôs para avisar os parceiros que tratem de correr porque os fiscais estão pintando no pedaço. Ô vida.

Outrora, o atrativo era o desfile de moças de minissaia, moda substituída pela calça jeans, que não tem a menor graça, para quem, como eu, já conheceu tempos mais interessantes.

Na Praça XV, um pivete grita e esperneia, seguro por dois brigadianos. Ao redor formou-se uma penca de curiosos, cada qual com um comentário: “Outro dia roubaram o tênis que dei pro meu neto.” “De mim, até hoje, só levaram mixaria, graças a Deus.” “Era um piázinho de nada, mas corria que nossa.” “Ouvi dizer que agora eles estão preferindo celular, ainda bem que eu não tenho.” “Sabe a dona Rita, nossa vizinha? Levaram a aposentadoria na outra semana.” “O exemplo vem lá de cima, do Congresso. Lá também só tem ladrão.” E por aí seguiam as opiniões.

Na Rua da Praia, a grande atração são as estátuas vivas, talentosos artistas que imitam figuras gregas, romanas, anjos e até cangaceiro, pra dar o toque verde-amarelo. Outrora, o atrativo era o desfile de moças de minissaia, moda substituída pela calça jeans, que não tem a menor graça, para quem, como eu, já conheceu tempos mais interessantes. O que me atrai mesmo são os gaúderios de que falamos, capazes de permanecer horas e horas imóveis, correndo o risco de atrair pombos inconvenientes. Só mexem os olhos para olhar uma que outra boazuda que passa, afinal ninguém é de ferro. Tenho muita admiração por esses heróis errantes.

Na área do Mercado Público, outro herói apregoava as maravilhas de uma beberagem: “Dona Odália andava renga de tanta dor nas cadeiras. Tomou cipó Milome e agora andã que mais parece uma potranca. Seu João também andava com o bilau de cabeça baixa. Com cipó Milome ficou teso que nem jerivá. Pra felicidade dele e da patroa. Cipó Milome faz bem pra tudo, estômago,

nervos, coração, pressão alta, aids. Vai um vidro aí pro senhor?”

Não sei quanto aos meus conterrâneos, mas eu, em outros tempos, preferia andar de coletivo na minha cidade. Era pura diversão. Mais ou menos como um cinema que havia outrora no Rio, que anunciava num luminoso: “O espetáculo começa quando você chega”. Nenhuma propaganda enganosa, pois eram exibidos documentários, curtas-metragens, capítulos de seriados e outras atrações, continuamente, das 9 horas até a meia-noite. Quem estivesse na pior pagava o ingresso, se aboletava na poltrona e, se não quisesse ver tudo de novo, podia continuar lá, dormindo, numa boa.

Pois bem, nos ônibus de Porto Alegre, os atrativos eram de outro tipo, mas nem por isso, menos divertidos. Começava pelos cartazes com poesias colados nas janelas. Como esta aqui: “Veja ilustre passageiro/ A réplica de Sharon Stone/ Que o senhor tem ao seu lado/ No entretanto acredite/ O corpo foi clonado/ A pele é de silicone/ Na cabeça tem um chipe/ Essa beleza tão simétrica/ É invenção da cibernética”.

Tá bem, confesso, o mote dessa poesia pode ser atual, mas a forma é plagiada de uma peça publicitária em versos que teria sido criada por Bastos Tigre, na época em que farmácia se escrevia desse jeito aí. Mas o poema é legal, você há de concordar, embora a peça original seja igualmente divertida como verã em seguida. Ela dizia o seguinte: “Veja, ilustre passageiro/ O belo tipo faceiro/ Que o senhor tem ao seu lado/ No entretanto, acredite/ Quase morreu de bronquite/ Salvou-o o Rhum Creosotado”.

Para quem não sabe, convém explicar que em priscas eras a publicidade costumava anunciar, principalmente remédios, em versos, em cartazes afixados na parte interna dos bondes. O Rhum Creosotado não era o único. Tinha outros. Como o Urodonal, cujo texto dizia assim: “Olá, como se sente?/ Rim doente?/ Tome Urodonal/ E viva contente”. Bons tempos aqueles, não lhe parece?

Voltando à vaca fria. O que não faltava nos ônibus era gente criativa, que ajudava a quebrar o tédio dos passageiros. Lembro-me, por exemplo, daquela mulher que, depois de distribuir uns panfletos para o povaréu, tratou de explicar porque estava ali.

- Boa tarde, pessoal, meu nome é Mara. Sou

voluntária de uma entidade que se dedica a cuidar de crianças de rua. Tem umas aí que, entregues à própria sorte, já estão até fumando crack. Não é ficando craque, é fumando crack mesmo. Coisa mais triste, vocês não acham, não? E os velhinhos, então. Ah, sim, também cuidamos de velhinhos. Coitados, deram duro a vida inteira e agora estão aí, na maior #@&*, quer dizer, matando cachorro a grito. Eu sei que a maioria dos brasileiros também está nessa. Mas confio no bom coração de cada um de vocês para ajudar nossa infância e os nossos velhinhos a levar uma vida mais digna.

-Pode acreditar, vizinha, a senhora, por exemplo, que já deve andar pelo setenta e lá vai pedrada, sabe que a vida é cheia de altos e baixos, pra não dizer que é uma #@#@#. A senhora não concorda comigo? Quem tiver alguma dúvida sobre a seriedade do nosso trabalho é só telefonar para o número que está no nosso jornalzinho, e quem quiser colaborar estará fazendo a sua boa ação de hoje. Muito obrigado pro senhor, pra senhora também. Então, era isso, boa tarde pra todos e boa viagem.

Outros, além de boa conversa, mostravam verdadeiro talento. Se não estavam num palco, interpretando o papel principal em alguma peça de Shakespeare, era por puro azar do destino. Como aquele homem, mal-ajambrado, ao qual, pela aparência, ninguém daria nada, que um dia adentrou num coletivo. O nosso amigo, depois de tirar ao chapéu, dirigiu-se aos passageiros, em voz clara e grave. Uma voz agradável, com timbre argentino, como dizem certos escritores. Se bem que, para ser sincero, não faço a mínima idéia do que significa timbre argentino. Só uso a expressão para corresponder à elaborada linguagem do homem, digna de um intelectual da Academia Brasileira de Letras.

-Peço-vos um minuto de atenção e desculpas pelo aborrecimento, senhores e senhoras. Venho apelar para vosso espírito de solidariedade, um bem escasso hoje em dia, como sabeis. Sinto-me tão humilhado em pedir como os senhores estão fartos de pedintes. Mas prefiro este recurso a tornar-me ladrão, por uma questão de consciência. Simplesmente não suportaria a idéia de passar o resto da vida convivendo como um ladrão, como disse a norte-americana Hanna Arendt, uma das pensadoras de conceitos mais lúcidos que conheço e cujos livros recomendo a todos vós, especialmente

te aos jovens. A nobre autora tem umas idéias que enriquecem o espírito de qualquer ser humano. Embora eu reconheça que livro hoje em dia é artigo de luxo. Felizmente, existem as bibliotecas, que os emprestam mediante uma quase simbólica quantia anual.

Mas estou me desviando do objetivo pelo qual estou diante de vós. Voltemos a ele. Qualquer módica quantia me será de grande serventia. Não fará falta a nenhum de vós, ousou acreditar. Para mim, todavia, por pequena que seja, somada, ajudar-me-à a tocar o pesado fardo da existência. Dinheiro pode não comprar a felicidade, como dizem os filósofos. Tudo bem, mas compra algo essencial à condição humana: comida. E, de acordo, com o escritor Jorge Luis Borges, primeiro comer, a dignidade depois. Confio em que cada um de vós fará sua boa ação hoje, aqui e agora, contribuindo para o meu alimento. Além do mais, quem dá aos pobres empresta a Deus, conforme está no Eclesiastes, se não me falha a memória, que fome também atrapalha as idéias. Muito obrigado a todos. Ide em paz e que Deus os abençoe”.

Um passageiro ensaiou aplausos, mas desistiu por não ser imitado. Hoje em dia viajar em ônibus, na minha cidade, perdeu a graça. As empresas proibiram o ingresso de quem pede donativos. Os momentos de emoção e suspense, contudo, continuam, por conta de certos cidadãos que se acham no direito de obter à força a parte que lhes cabe na distribuição de renda. Como aconteceu

“Qualquer módica quantia me será de grande serventia. Não fará falta a nenhum de vós, ousou acreditar. Para mim, todavia, por pequena que seja, somada, ajudar-me-à a tocar o pesado fardo da existência.”

um dia desses por parte de um jovem, até simpático, que entrou, seguido de um parceiro, e depois de retirar um objeto do bolso da jaqueta, foi logo anunciando, com firmeza e decisão:

- Isso é um assalto, otários. Vão passando a grana e os bagulhos aí pro meu xará, numa boa, que é pra ninguém se machucar.

Não é de amar uma cidade com tantas atra-

Seis mulheres e um destino. Uma delas não sabe ler nem escrever. Só uma conseguiu concluir a 8ª série. As demais mal completaram as séries iniciais do ensino fundamental. Todas de origem humilde, lutadoras e que, no espírito *Pobres & Nojentas* de ser, fazem a diferença na comunidade em que vivem em Florianópolis.

Tecendo vidas. Foi assim que o destino dessas seis mulheres se uniu. Elas integram um grupo na comunidade Chico Mendes, onde vivem, algumas desde o início, da ocupação do local, quando muitas casas ainda não tinham luz, nem havia ruas calçadas nem rede de esgoto ou água encanada. Por ser uma área de ocupação, a comunidade enfrentou e enfrenta ainda um longo caminho para que seus moradores tenham direito a uma vida digna. A Chico Mendes cresceu e essas mulheres cresceram junto com a comunidade. Muitas coisas melhoraram desde a ocupação em 1990, mas ainda há muito o que ser superado.

Para refletir com outras famílias, Catarina, Daniele, Janete, Jussara (a Sara), Lídia e Maria, junto com uma assistente social, educadores e psicólogos da Casa Chico Mendes, se organizam com o objetivo de humanizar as relações entre os moradores da comunidade e resgatar a dignidade, dando vida ao conceito de cidadania e buscando direitos e formas de acesso aos serviços públicos.

Esse grupo se reúne na Casa Chico Mendes, uma organização não-governamental que atua na comunidade. Foi nessas reuniões que essas mulheres perceberam que tinham muito em comum e começaram a compartilhar, além de solidariedade, sonhos.

Conversas gravadas

"Além de outras obras, eu trouxe para as reuniões o livro *Mulheres de Cabul*, e líamos suas histórias de vida. Também trabalhávamos com a revista *Pobres & Nojentas*, líamos as

histórias de pessoas como a Chica, liderança aqui da Comunidade e também integrante da diretoria da Casa Chico Mendes, a Lídia, que faz parte do grupo Tecendo Vidas e já saiu na revista, da Janete, também do grupo, e de outras mulheres da comunidade que já foram entrevistadas pela revista, tudo isto as inspirava a cada vez mais abrirem seus corações e almas umas para as outras, sem medo de se exporem, falarem de suas angústias e de seus desejos. Foi numa dessas conversas que a Sara olhou para mim e disse: '— Minha vida daria um livro'. Aí começa nossa história", lembra Sandra Crochemore Ribes, educadora que trabalha no projeto

Tecendo Vidas.

Sandra arregaçou as mangas e, junto com Catarina Daniele, Janete, Sara, Lídia e Maria, começaram a escrever o livro. Algumas traziam textos, outras preferiam só falar. As conversas foram gravadas por Sandra, que depois as transcrevia para o computador. Aos poucos, uma grande colcha de retalhos da vida das mulheres começou a ser tecida. Elas contaram ainda com a ajuda da assistente social que também trabalha na Casa Chico Mendes, Vanessa Flores, e da fotógrafa Sônia Vill, que fez o ensaio fotográfico com as mulheres para ilustrar o livro.

"No início não foi fácil. Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quando a Sandra falou que podíamos escrever um livro sobre a história de nossas vidas, pedimos um tempo. Como a família e a comunidade reagiriam? Seria uma exposição de nossas vidas ali. Por fim, achamos que seria também uma oportunidade de mostrar a outras mulheres o que a força de vontade e o trabalho em conjunto são capazes de realizar", diz Catarina Francisca de Souza, 57 anos, natural de Caçador, e que vive há mais de 20 anos na Chico Mendes.

"Sempre tive muita dificuldade de me expressar. Mas, ali no grupo, fui contando aos poucos minha história. Já me envolvi com drogas, fui abu-

sada sexualmente por um tio quando tinha sete anos. Mas superei isso tudo e acho que minhas experiências, de como saí das drogas, podem servir de ajuda para outras mulheres. Só depois de muito tempo consegui contar para a minha mãe. Meu pai não sabe. Esta história está no livro", conta Jussara Fátima dos Santos, a Sara, como é chamada por todos, 32 anos, lageana que vive em Florianópolis há 24 anos.

Vencendo desafios

"Sara é uma pessoa que agrega as mulheres da comu-

nidade. Sua casa vive sempre cheia e se tornou um ponto de encontro para elas. Ela não gosta de se expor, falar sobre o que aconteceu, não é fácil, mas a lição de vida que ela nos dá supera tudo", diz Sandra, que durante a entrevista me contou também que Sara não havia se deixado fotografar antes, pois vive um processo de depressão. Foi uma honra para mim as lentes da minha máquina fotografarem essa doce mulher, e dias depois fiquei sabendo que ela conseguiu enfrentar o desafio de Sôzinha (como chamam a Sônia Vill) para o ensaio fotográfico do livro.

"Falo da infância dura



Por ordem, Sara, Lídia, Janete, Daniele, Catarina e Maria: coragem para falar de suas angústias e desejos

Fotos: Sônia Vill

A exemplo das "Mulheres de Cabul", elas querem contar suas histórias para o mundo

As mulheres da Chico

Por Maria Cornelli, de Florianópolis

trabalhando desde os 13 anos. Fui abandonada por meus pais. Vi aqui na Chico Mendes uma nova família. Trabalhar e atuar na comunidade é muito importante, somos mais do que multiplicadoras do Projeto Tecendo Vidas, somos amigas. Conto no livro coisas que elas sabem e minha família não. Meu marido até tem ciúmes da nossa amizade. Mas me apoiou para escrever o livro", fala Catarina.

O livro é feito de histórias de lutas, de desafios e de momentos tristes, mas também de momentos de alegria, de fantasias e desejos. Janete Osvaldina Marques, 49 anos, uma mulher que ama a vida, resolveu colocar no livro fatos mais, digamos assim, picantes da sua vida. Numa parte da história ela lembra que tem guardada há muitos anos uma calcinha branca e conta a história desta peça. Uma história sensual, contada com amor, que será desvendada para os leitores do livro.

Pergunto para elas o porquê de se expor num livro? Por que suas vidas seriam importantes? As respostas vão todas num mesmo tom. O trabalho de contar suas histórias de vida foi uma forma de compartilharem experiências, de ajuda mútua, e elas não se importam com as críticas que podem vir. Têm a certeza de que serão pioneiras na comunidade e servirão de exemplos de coragem para muitas outras mulheres.

Lídia Almeida, mulher forte



e marcante na comunidade, mais calada que as outras do grupo, mas de sorriso largo, 52 anos, estudou até a 5ª série. "Nunca imaginei que um dia eu ia escrever um livro. Espero que nossas experiências sirvam de exemplo para outras mulheres. A vida na comunidade é dura, mas somos todos uma grande família e essa experiência que vivemos aqui na Chico Mendes, de compartilhar e dividir tudo, vai estar no livro também", diz Lídia.

Maria do Carmo Apolinário, 70 anos, que não pôde frequentar a escola, está aprendendo agora a assinar seu nome, e a jovem Daniele Braga Silveira, 20

anos, também contam suas vivências no livro. Elas não puderam estar presentes no dia da entrevista, mas foram lembradas o tempo todo pelas amigas.

Escritoras e poetas na alma

Histórias diversas, lembranças muitas, lembranças da casa de Sara quando não havia luz na comunidade e o pai iluminava a sala com um lampião, lembranças de Lídia, de quando ganhou a primeira boneca, já casada, que deu início a uma famosa coleção de bonecas compartilhada por todos, lembranças

de Janete, do seu primeiro e único amor, com quem vive até hoje, recordações da infância pobre e triste, das lutas conjuntas na comunidade, dos tempos difíceis da ocupação, lembranças de que são mulheres que lutam pela vida em comum, que desejam para todas e não só para si, que não esquecem seu lado feminino, mesmo na hora de reivindicar seus direitos, que dedicam horas caminhando juntas pelas ruas da comunidade, de casa em casa, mostrando a outras mulheres que uma vida melhor e boa para todos é possível.

Não são famosas, nem tiveram muito estudo, nem



têm dinheiro ou patrocínio para publicar o livro, mas são escritoras e poetas na alma e têm muita, muita fé.

“Pensamos que estava na hora de dar um basta no que a mídia passa sobre a Chico Mendes, que aqui só há violência. E o filme *Tropa de Elite*, recentemente passado nos cinemas, de alguma forma contribuiu para generalizar a crítica às Ongs, enaltecendo a violência policial, mostrando moradores das comunidades com desrespeito. Escrever este livro é uma forma de não calar, contando para o mundo quem são estas mulheres da Chico e como vivem aqui”, diz Sandra.

Para conseguir a impressão

Os textos estão finalizados, as fotos ficaram lindas. O nome do livro está sendo decidido por todas e pode se chamar “Mulheres da Chico”. Elas estão em contato com pessoas para fazer a diagramação do livro e enfrentam também uma via sacra, batendo de porta em porta, para conseguir publicar, imprimir o livro. “Já procuramos várias instituições, públicas e privadas, e outros possíveis apoios. Mas não interessa a muitas delas contar histórias de mulheres da periferia. Uma empresa não aprovou o projeto e preferiu investir numa campanha de esportes, mas não uma campanha voltada para a saúde, e sim para o

esporte elitista, que vende marcas famosas”, enfatiza Sandra.

A luta para conseguir dinheiro para a impressão do livro não desanima as mulheres, que tiveram na revista *Pobres & Nojentas* uma das suas fontes de inspiração, o que nos enche de orgulho.

Neste aniversário de três anos da revista nada poderia

ter sido mais gratificante: inspirar estas mulheres do povo, mulheres para as quais a revista foi criada, a escreverem por elas mesmas suas histórias.

Quem quiser ajudar a viabilizar o livro pode entrar em contato com Sandra – sandraribes@ig.com.br – ou pelo fone 3240-8425 – Casa Chico Mendes.



A difícil arte de ser só

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

É assim. A gente sente um sentimento oceânico, ou um medo imenso ou qualquer outra coisa grandiosa, que precisa ser reparada. Então a gente busca os amigos. Mas eles estão ocupados demais e não podem te ouvir. É uma festa, um encontro, o ônibus que já vai sair. E tudo se esvai. E a gente fica sozinha na calçada, com aquela sensação abismal de abandono. Nestas horas há dois caminhos a seguir.

O primeiro deles é choramingar que ninguém te ama, ninguém te quer e que os teus amigos são uns egoístas que só pensam em suas próprias demandas. Baseado nisso, ir para casa com a firme certeza de que se está mergulhado na solidão, que a vida é injusta, que as pessoas não são capazes de retribuir todo o amor e o cuidado que se tem com elas cotidianamente.

O segundo caminho é o da deusa. Saber que aqueles que têm como missão serem os cuidadores da vida, seja de gente, bicho ou planta, são definitivamente seres solitários.

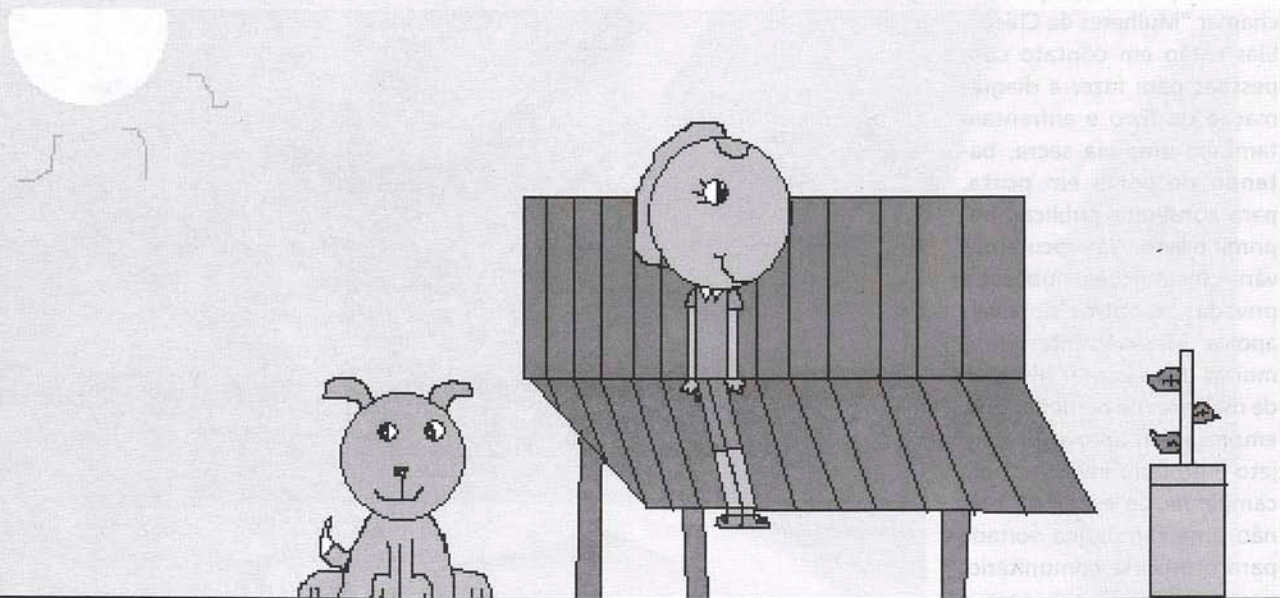
São os que não precisam de nada em troca, são os que simples e gratuitamente dão... Sem nada esperar. São os que, como Morgana, a maga, fazem sua parte neste mundo material e depois entram na barcaça que conduz às brumas, e nelas se perdem para sempre.

Os seres humanos são seres do turbilhão. Estão, como o coelho de Alice, sempre com pressa. Mas isso não significa que não amam ou não se importam. É que poucos deles têm essa deliciosa certeza de que nas brumas vive o sagrado e que na presença do sagrado é impossível se estar só.

Iniciada nas coisas dos deuses, eu sempre optei pelo caminho de Morgana. Sem vazios na alma, sem autocomiseração. Mas, sozinha, domo minhas próprias ondas e navego, apesar da névoa, por que sei que, nas brumas, me espera a inefável deusa, a mãe. Então, não há motivos para ter medo de solidão ou tristeza. No sagrado, tenho a melhor companhia.

Claro que este é um caminho de fé.

ilustração: Camila Bion de Assis



Guerrilheiras da palavra

Por Raul Fitipaldi,
de Florianópolis

Aquele dia começou às 10 horas de 25 de maio de 2008, festa nacional da Argentina, e terminou em 26 de maio, às 10 horas da manhã. Ao todo, 24 horas abertas e fechadas pela morte e a ressurreição.

Quando tocaram as 10 da manhã minha mesa estava cheia de papéis e a tela do computador brincava com quatro nomes. Um deles deveria ser manchete no primeiro artigo que tinha planejado para o Terceiro Ano de *Pobres & Nojentas*. Lorie Berenson, Soledad Barrett, Bartolina Sissa ou Eva Duarte. Pressionado docemente pelo programa Tímpano do cantautor uruguaio Daniel Viglietti, estava no ponto de escolher a lembrança da jovem paraguaia Soledad, assassinada no Recife, que Viglietti conheceu no Uruguai ou na Argentina, não lembro.

À decisão quase tomada, o passo inesperado do jornal informativo do canal *TeleSUR*, num quadrinho da tela, virou-lhe totalmente a direção. Um comunicado das FARC, desde as montanhas da Colômbia, lido pelo combatente Timoleón Jiménez, anunciou o que já se esperava desde que o carniceiro Ministro de “defesa” da Colômbia, Juan Manuel Santos, tinha dado pistas: Manuel Marulanda Vélez, o legendário comandante das Farc, havia sucumbido a uma doença cardíaca em 26 de março junto à sua companheira e rodeado dos seus guerreiros de luta e esperança.

Estupor não, decepção pela confirmação da morte de um líder da resistência, sim. Num dia tranquilo

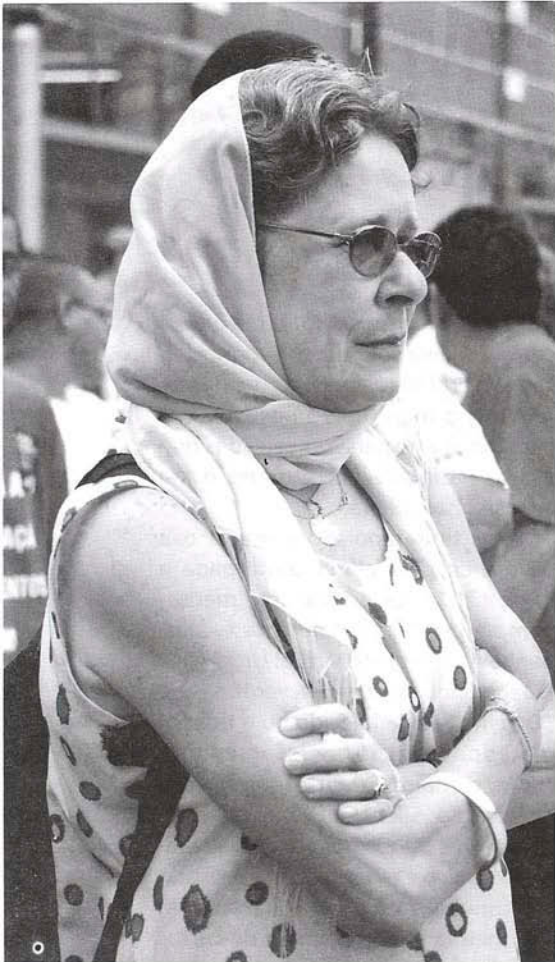
***Ocupei suas linhas
com as mãos
tensas, suaves,
firmes e armadas
das mulheres que
iluminam este
caminho nosso,
aqui, perto de
nós, com cada
palavra de amor e
resistência ...***

dava para absorver a idéia. Mas, num domingo, nunca. O aqui escrevente fecha a partir dessa hora da manhã a edição dominical de uma revista virtual de política, especialmente dirigido à América Latina. Fazer o quê? Minha companheira sorvia a notícia no laptop com uns cristaizinhos que sempre lhe aparecem nos faróis verde-cinzas quando algum ente importante demais vai embora sem se despedir. Sem notar comecei a rabiscar uma penquinha de versos que iam se ritmando como uma marcha em fila indiana. Neles caíam figuras imensas da nossa América Latina, moradores do olimpo dos nossos lutadores pela liberdade, aí onde agora está Marulanda. Um clique no alto-falante do computador e entra uma criação urgente do maravilhoso cartunista dominicano José Mercader para a edição que estava se fechando.

Um traço preciso, sábio, firme e com cores da selva colombiana configuravam o perfil heróico do comandante. Terminei o mais rápido possível com o apanhado de palavras versadas que estava parindo sem retoques e me encostei na cadeira.

Mal tinha apoiado a melancolia produzida pela perda confirmada e outro clique. Lá estava uma mensagem da escritora catarinense e companheira de espaço virtual Urda Alice Klueger inquirindo se era verdade que “O Velho” tinha falecido ou o tinham matado. A resposta foi imediata. – Sim, cumpinha, Marulanda faleceu do coração. Silêncio. Fui até o jardim e voltei aos poucos trancos para reiniciar o serviço e reorganizar o conteúdo em função da infausta acontecida. Tali, meu farol dos olhos verde-cinzas já tinha acumulado biografia, fotos, documentos e tudo o que era possível em tanto curto tempo. Militava à beira do computador como empunhando uma lança certa. O corpo reto. Os olhos fixos. A pele lisa, tensa, aguda. Em silêncio. Afastei-me para não ocupar sua aura laboriosa e de costas, no outro aparelho, abri o tal sítio virtual que editamos.

Quis respirar fundo e sorrir um pouquinho, aliviar os dedos que estavam algo pesados. Entrei no blog desta bela criatura batizada de *Pobres & Nojentas*. A inquieta Míriam de Abreu, companheira rodeada pelas luzes e ágil como abelha construtora, tinha pegado aquele amontoado de palavras e nomes que eu lhe mandei para par-



Urda Klueger: torrente de amorosas palavras

Foto: Ricardo Casarini

tilhar com mais alguém a inquietude da perda, e antes do meio-dia já luzia no blog da Revista aquele conjunto de sentimentos que verti entre trêmulo e extasiado pela imagem de Marulanda desvendada pelo companheiro dominicano.

Sorri, olhava pela janela um céu amplo que se saía do litoral catarinense e imaginei aquela Míriam brindando-se numa guerrilha galáctica em cima daquela fantástica vassoura de liberdade que monta junto com nossa querida Elaine Tavares num delicioso *banner* da Revista. Mas Elaine não

voava com ela. Não sei se Elaine voa virtualmente aos domingos, acho que não. Campeche atrai demais suas asas à terra vermelha, morena e dourada da Ilha.

TeleSUR repetia o vídeo com a imagem de Timoleón e o vento atravessava suas palavras nas montanhas. Os asseclas da imprensa imperialista, seus vassalos locais, os sites da mentira, todos refestelavam-se em cima da sua própria derrota confirmada. Nem sequer um tiro em cima de Tiro Fijo. Ele se foi de morte natural, de morte gloriosa, de Velho guerreiro, livre, solto, digno, como será lembrado para sempre. Não haverá panteão no paraíso libertário onde Marulanda foi-se habitar com El Che, Santucho, Allende, Camilo e tantos outros. A guerrilheira da palavra com a qual compartilho vida e obra, pão e milagres, tinha repostado todas as forças, como só as mulheres que nos ocupam as vanguardas podem.

Rotas Libertárias

A edição se remexia sob seus finos e pálidos dedos, tecla vai-vem sobre a tarde iniciada e já madura. E um pouco de futebol para distrair e ajudar a concentrar o conjunto das imagens. Meu Cruzeiro derrotava o Santos por 4 x 0. A tarde se escondeu atrás do morro e outro clique. Koldo Campos, o belo escritor basco, enviava seu artigo onde sem usar um nome sequer, fazia sua delicada homenagem ao comandante definitivamente inacessível para os narco-para-militares da Casa de Nariño em Bogotá, nem para a CIA,

nem os marines. Livre para sempre, alimentando a terra que livre será de novo um dia, como antes da chegada dos espanhóis. Era noite, o último clique do dia. Urda Klueger reaparece erguendo a bandeira do sentimento mais apaixonado e livre – estou a ver a lua, a noite está bonita e tem estrelas em Blumenau; preciso escrever algo sobre Marulanda. Lápis que conhece cada palmo da América do Sul, apenas faltou ainda à terra uruguaia na rota libertária desta guerrilheira da palavra amorosa, tenra, independente. Fechou a edição. A sonhar uns, a rezar outros, a preparar a luta de amanhã outros. Faltava Elaine, mas Elaine deve estar preparando magias no Campeche...

Segunda-feira 26 de maio. 10 horas da manhã. Teclado pronto. Jornais virtuais. Notícias esportivas. Mensagens dos leitores. Clique, o primeiro do dia. Elaine Tavares me escreve, - perdemos mais um companheiro, faz parte, né? Mas, vamos à luta, te mando o texto... Enquanto avançavam as dez da manhã, o legado eterno deixado pelo legendário Manuel Marulanda ia resuscitando-se nos delicados traços destas guerrilheiras da palavra; eu desistia de iniciar este Terceiro Ano de *Pobres & Nojentas* com Lorie, Soledad, Bartolina e Eva. Ocupei suas linhas com as mãos tensas, suaves, firmes e armadas das mulheres que iluminam este caminho nosso, aqui, perto de nós, com cada palavra de amor e resistência: Tali, Urda, Míriam e Elaine.

45%

entre os 172,7 milhões de brasileiros entrevistados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-livro - o equivalente a 77 milhões de pessoas - são identificados como não-leitores, ou seja, não leram nenhum livro nos últimos três meses.

Mais de

500

 mil

casos de acidentes de trabalhos foram registrados pelo INSS em 2006, no Brasil.

Relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgado em junho de 2008, mostra que 33,2 milhões de pessoas vivem com o vírus HIV no mundo e, entre elas, as crianças somam

2,1

 milhões

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

De acordo com o Unicef, ocorrem no Brasil

110

mortes maternas a cada 100 mil nascidos vivos.

A presença de negros em cargos de nível executivo nas maiores companhias brasileiras é de apenas

3,5%

segundo pesquisa do Ibope com o Instituto Ethos.

O Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) informa que

271

políticos são sócios ou diretores de empresas de radiodifusão no país. Esses números não contabilizam aqueles que têm relações informais ou indiretas, como por exemplo, por meio de parentes ou "laranjas".

10

 milhões

de toneladas de resíduos sólidos. Esta é a estimativa da quantidade de lixo que deixa de ser coletada todos os anos, no Brasil, e que acaba por ter um destino incerto e, geralmente, inadequado.

Educar, brincar, viver



Por Samira Moratti, de Florianópolis

Quando morei em São Luis, capital do Maranhão, via uma quantidade considerável de crianças trabalhando nas ruas. Caso fossem meninas, atuavam nas "casas de família" como empregadas domésticas, cada vez mais cedo. Muitas vezes sem estudar ou dedicando parte de sua infância às atividades ilícitas. Crianças eram trazidas do interior do estado por "padrinhos", para poderem ter "oportunidades" na capital. "Oportunidades" que

acabavam por dizimar uma infância, gerando traumas futuros.

Em Florianópolis, no entanto, pude verificar a existência de um projeto que auxilia e ajuda na formação de crianças e adolescentes. Sorrisos, brincadeiras e alegria se unem na quadra da Escola de Samba Consulado, no bairro Caeira do Saco dos Limões. Ao chegar lá, um misto de surpresa e contentamento invade qualquer um. É bom ver crianças sorrindo. Cativa. E ver que os pais des-

as crianças também se unem para vê-las alegres, com mais outros tantos estranhos que acabam por fazer parte da família, nos leva a pensar na união, na ajuda mútua e numa paz que, dizem, há de demorar para ser encontrada. Mas não para os que fazem parte do Projeto Caeira 21. Diante de tanta solidariedade, não contive o desejo de descobrir mais sobre quem faz essa história acontecer. No mundo em que vivemos, pouco disso se percebe

e é importante valorizar quando se tem.

Ao fazer uma visita ao local, percebe-se que o dito popular "a união faz a força" é real. Realidade que chegou para ficar na vida de aproximadamente duzentas crianças e adolescentes, com faixa etária entre 7 e 17 anos, que participam do projeto. Há aproximadamente 19 anos, voluntários e pais contribuem com a causa, que é sucesso. Aulas de recreação como capoeira, dança, futsal, artes plásticas e cênicas são algumas das formas encontradas para socialização das crianças. Além disso, há o auxílio na formação educacional, através da escola de informática, aberta com a ajuda do Comitê para a Democratização da Informática (CDI), além de uma biblioteca comunitária, criada com o auxílio do SESC de Florianópolis. Formas de educar, unindo o prazer de brincar e viver.

Uma das pessoas que ajuda o projeto acontecer é André Luiz Rodrigues, coordenador técnico do Projeto Caeira 21. Formado em História, André trabalha como professor e coordena-



André faz parte da coordenação do projeto Caeira 21

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Projeto Caeira 21 é exemplo social entre crianças e adolescentes em Florianópolis

dor pedagógico em uma escola no Campeche, além de atuar no projeto. Recentemente, tornou-se pai, sendo para ele um estímulo maior para lidar com outras crianças. Ao chegar ao projeto, recebeu-me cordialmente, apresentando algumas crianças, pais-voluntários e professores. Segundo ele, o projeto surgiu a partir da sociedade entre o Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado, a Associação de Moradores do Caeira do Saco dos Limões (AMOCA) e o Grupo de Trabalho Comunitário Catarinense (GTCC). Na ocasião em que foi criado o GTCC, eles acabaram se filiando à comunidade Caeira, para desenvolver a ação comunitária.

Ainda de acordo com o coordenador, o foco maior da ação é evitar que crianças e adolescentes fiquem nas ruas, já que, infelizmente, as escolas não possuem tempo integral e os pais geralmente têm que trabalhar o dia todo. "O objetivo é que eles venham no projeto passar a tarde ou a manhã, no horário contrário ao da escola, para participar das oficinas, ocupando

esse tempo, além de receber apoio pedagógico, sendo um reforço para a escola", afirma.

Estão sendo desenvolvidas novas oficinas: Bateria Mirim e Escola de Samba Mirim, ambos em ação conjunta com a Escola de Samba Consulado. A idéia ainda está sendo amadurecida pela coordenação e está prevista para ser posta em prática futuramente.

Em média, 200 crianças e adolescentes são atendidas por ano. Todavia, há a rotatividade dos matriculados, já que alguns param de participar. Desse modo, os lugares são cedidos para outras crianças. Apesar de matriculadas, não há um controle ou obrigação em freqüentar o projeto.

Fazer parte dessa história é mais do que assistencialismo, de acordo com André Luiz. "Atuar em um projeto como esse é a possibilidade de ajudar alguém. Não é só uma questão de voluntariado. É uma obrigação social possibilitar que outras pessoas tenham oportunidades que nós tivemos. Eu nasci em uma comunidade pobre, também nasci num

morro, e fiz faculdade, estudei e consegui me formar. Quero que outras crianças tenham a mesma oportunidade que eu tive."

Pais e mães voluntários também demonstram a importância da existência de projetos sociais, como o Caeira 21. Cecília Lucimara Padilha, mãe de uma das crianças, atua no projeto como auxiliar administrativa e professora de informática. Segundo Cecília, a iniciativa mudou a vida de seu filho e dos outros moradores da comunidade: "Eu acho o projeto excelente, a melhor coisa que eles podiam ter feito aqui para o Caeira. No meu caso, meu filho ficava em casa sozinho, e agora além de estudar de manhã, ele fica aqui durante as tardes, fazendo diversas oficinas que o projeto oferece. E o bom é que aqui as crianças estão seguras, não estão na rua."

Outra mãe beneficiada é Deonira Gonçalves Brito, que também ajuda no projeto, sendo voluntária na organização do lanche das crianças. Seu filho, um jovem com 16 anos, já

participa no Caeira 21 há três anos. Para ela, é importante a existência de ações como estas, que proporcionam outras atividades às crianças e adolescentes: "Ele está no futebol e não fica nos morros. Então, não há risco de se envolver com as drogas. Projetos como este deveriam existir em todos os lugares, pois é bem legal".

Expressar vontade em poder ajudar a obra é válido e pode ser concretizado. Apesar de contar com o apoio de professores enviados pela Prefeitura de Florianópolis, o projeto ainda recebe ajuda de empresas e voluntários. "Caso alguma pessoa tenha uma habilidade específica e queira contribuir sendo voluntário, pode entrar em contato com a coordenação, para que haja a possibilidade de inserir uma nova atividade para as crianças", ressalta o coordenador.

Para quem quiser saber mais informações sobre o projeto, acesse o site da Escola de Samba Consulado: www.gresconsulado.com.br ou entre em contato através do telefone (48) 3333-8082.



O renascimento do Che

Por Raquel Moysés,
de Florianópolis

Ele faria 80 anos este 2008, e mais do que uma lenda, precisa ser lembrado apenas como um homem. Um homem que honrou o sentido mais recôndito do significado de ser "humano". Porque não é certo que todo ser humano é naturalmente humano. Um ser humano pode tornar-se "humano" ao longo de uma vida. Mas "nem todo mundo chega lá", como nos lembra um sábio do povo da floresta - chamado pelos europeus e seus sucessores - de índio.

Che Guevara não era um humanitarista, esses que, a serviço do sistema, são premiados por tentar fazer, desse horror de mundo, um mundo apenas "melhor". O Che era um revolucionário humanista, um fazedor de mundos, um criador de idéias, um pensador político. Um homem que até os detratores de qualquer revolução ou revolucionário têm dificuldade em macular. Che Guevara, um homem que, com seu amor desmedido pelo gênero humano, pela vida, carregava o sonho de ver emergir, numa sociedade renovada, o homem novo. "A revolução se faz através do homem, mas o homem deve forjar dia-a-dia seu espírito revolucionário", ele dizia. E acreditava ser necessário que se desenvolvesse uma consciência na qual os valores adquirissem categorias novas. "A sociedade em seu conjunto deve transformar-se em uma gigantesca escola".

Dignidade no olhar

O Che também sabia que o caminho é largo e, em parte, desconhecido. Mas não se deixava amedrontar pelo que estaria por vir: "Conhecemos nossas limitações. Faremos o homem do século XXI: nós mesmos. Nos forjaremos na ação cotidiana, criando um homem novo com uma nova técnica". E o sentido de amor desmesurado que o transformara em um guerrilheiro nascera nas primícias da sua meninice, quando abrigava em casa meninos e meninas pobres, que ali se alimentavam, na mesa com sua família, e encontravam um ninho de terno acolhimento. Nada de filantropia nem de caridade. O mais essencial amor era o que já movia os passos do pequeno Ernesto, que um dia se tornaria o Che, apenas um homem.

Nesses 40 anos que se somam desde seu assassinato, bem que o mercado quis se apropriar de sua imagem

doce-amarga, que guarda no olhar uma dignidade invencível. O sistema que tudo torna descartável - na indústria do usa e joga fora - quis vender sua figura de guerrilheiro heróico em produtos que só visam o lucro. Mas não é a força do mercado que leva uma multidão de humanos, estradas adentro, a abrigar, no peito, nas mãos, nas cabeças, o seu vulto misterioso e ao mesmo tempo translúcido. O seu mistério, nesse mundo que se despedaça em misérias e se maquia em falsidades, é exatamente a transparência. A sua absoluta convicção, cristalina e confessada, de que só há um rumo para a humanidade: o da revolução transformadora, aquela à qual entregou a sua vida completamente, até os 39 anos roubados, dia 9 de outubro de 1967, por mercenários carneiros em La Higuera, na Bolívia.

Assim, neste 2008 que assinala os seus 80 anos não alcançados em vida, se tornam desprezíveis as tentativas de mistificar ou de mitificar a vida e a história do Che como o mártir de revoluções derrotadas e o símbolo de revolucionários vencidos. Nessas oito décadas de uma história que se escreve sobre os passos do Che, o que é preciso elevar e trazer à luz é a sua profunda reverência pela vida. E a sua incomensurável ternura, nunca perdida em meio à dureza de um mundo cruel e de uma luta desigual e impiedosa.

Julio Cortazar, com o mágico poder que os escritores e poetas sabem colher das palavras, em um comovente texto, escrito quando do assassinato do Che em La Higuera, pediu que fosse o próprio Che a conduzir sua mão no momento da dolorosa despedida. "Sei que é absurdo e que é impossível, e por isso mesmo creio que ele escreve isto comigo, porque ninguém soube melhor até que ponto o absurdo e o impossível serão um dia a realidade dos homens".

E é por tudo que sua vida representa, por ter sonhado o impossível como sendo possível, que os que o quiseram e o querem "morto" pagam o preço de ver esse homem, médico e lutador argentino-cubano renascer, a cada dia, em meio às lutas do povo, que se levanta em todo canto do mundo, a despeito do massacre, do terror, da dor e do desencanto. Ele renasce a cada ano porque o Che - nos diz Eduardo Galeano - é o mais nascedor de todos os seres.

*Eu tive um irmão
Não nos vimos nunca
mas não importava.
Eu tive um irmão
que andava na selva
enquanto eu dormia.
O amei ao meu modo,
Lhe tomei a voz
livre como a água,
caminhei às vezes
perto de sua sombra.
meu irmão desperto
enquanto eu dormia.
Meu irmão mostrando-me
por detrás da noite
a sua estrela eleita.*

(Julio Cortázar)

*O nascedor
Por que será que o Che
Tem este perigoso costume
De seguir sempre renascendo?
Quanto mais o insultam,
O manipulam
O atraíam
Mais ele renasce.
Ele é o mais nascedor de todos!
Não será por que Che
Dizia o que pensava e fazia o que
dizia?
Não será por isso que segue sendo
tão extraordinário,
Num mundo onde palavras
e atos tão raramente se encontram?
E quando se encontram
raramente se saúdam
Por que não se reconhecem?*

(Eduardo Galeano)

Agricultura familiar no jornalismo

Por Míriam Santini de Abreu, de Florianópolis

O colega Eduardo Schmitz, que luta para manter o jornal *Observatório*, em Taió, Santa Catarina, costuma dizer que pratica a agricultura familiar no jornalismo. Em meio aos latifúndios informativos ele trabalha para interpretar, sem o agrotóxico da "isenção", a região onde vive. Semeia discursos com sentidos chacoalhados pelo compromisso com o bom jornalismo. E tem escrúpulos.

Digo isso a respeito de uma pesquisa feita entre jovens dos Estados Unidos e divulgada em janeiro de 2008. Ela mostrou que 2/3 dos entrevistados com menos de 30 anos se informam por meio de grupos de discussão, mensagens de amigos, comunidades virtuais e páginas da chamada Web 2.0, ou Web Social. Nes-

sas comunidades e páginas os conteúdos são produzidos pelos próprios usuários. A tendência gerou um *slogan*, *Se a notícia é importante, ela virá até mim*. Isso porque, cada vez mais, segundo a pesquisa, as pessoas sugerem notícias a amigos e parentes, que viram referência em matéria de relevância de notícias.

Dá o que pensar porque: 1 – o uso diário da internet ainda é restrito e 2 – boa parte do conteúdo da Web Social e de blogs tem os meios convencionais (jornais, revistas e suas respectivas páginas) como referência. Forma-se uma circularidade em que há sempre mais do mesmo. Os grandes meios de comunicação selecionam e interpretam, para publicar, os fatos que lhes convêm, reproduzem quase o mesmo texto em suas páginas, a maioria dos blogueiros os

recolhe e dissemina. A questão, portanto, é saber que a notícia que circula sem parar vira a notícia "importante", porque tem visibilidade.

Esse é o desafio da agricultura familiar no jornalismo, como o jornal *Observatório*, de Taió, o portal *Desacato* (<http://www.desacato.info>) e a revista *Pobres & Nojentas*. Não usam agrotóxicos e repudiam as sementes transgênicas de informação a serviço do poder, e isso lhes "limita o crédito", dificulta o acesso às bancas de distribuição de publicações e, como consequência, gera um sem-fim de tentativas infrutíferas para levar a informação onde ela é necessária. Não temos nem ao menos um *Direto do Campo!*

Esta edição de *Pobres & Nojentas* traz reportagem que levanta esse problema. Um grupo de mulheres do bairro Monte Cristo,

na capital catarinense, contou suas histórias e agora busca um editor que publique o livro. É difícil. Mesmo a concorrência por verbas públicas de editais é inútil, porque os projetos selecionados são aqueles voltados para áreas como esporte, às quais a mídia sempre dá espaço, especialmente os competitivos. A forma como as mulheres, suas famílias, seus vizinhos conseguiram o direito de ter um pedaço de chão para morar não consegue chegar aos leitores porque não circula na grande mídia. Assim, pela ótica desviada do atual processo de produção de notícias, ela não é importante. Mas continuam, o *Observatório*, o *Desacato* e a *Pobres & Nojentas*, a praticar a agricultura familiar, sabendo que os tomates, o milho, os morangos que plantam irão ter, na colheita, o sabor da terra sã.

Um e outras

Por Celso Vicenzi, de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/

SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

DEFINIÇÃO. A neutralidade política é uma indecisão que começa na ignorância, evolui para a falta de coragem e termina no oportunismo.

NA CONTRAMÃO. Quem anda à margem da lei é porque pegou a estrada do crime e pode ser atropelado por um auto de infração.

ELEMENTAR. Muitas pessoas falam sobre "trocar idéias". Mas antes é preciso tê-las!

PURA LÓGICA. Muita gente costuma ficar rica do dia para a noite, donde se pode concluir que, neste país, toda fortuna é feita às claras!

O SER HUMANO. A tecnologia melhorou muito a vida

do ser humano. Imagine o que era viver na Idade das Cavernas comparado com viver, hoje em dia, debaixo de pontes e viadutos? Pelo menos a ventilação parece ser bem melhor!

MUDOU MUITO. Estou ficando velho. No meu tempo, colégio tinha banda. Hoje tem banda larga.

NAS ÁGUAS DA LITERATURA. No passado, havia escritores que eram fontes de inspiração, poços de cultura. Hoje em dia, são, no máximo, um laguinho de best sellers e um tanquinho de auto-ajuda.

SÓ UM DETALHE. O único erro dos ladrões é não se organizarem para fundar um

banco.

RECEITA. Quando tudo acaba em pizza, a principal matéria-prima é a massa de manobra.

OPORTUNIDADES. No Brasil, não faltam oportunidades. É só conferir o noticiário. Escolha a sua: fraude, engano, falsificação, embuste, dolo, trapaça, tramóia, intrujice, má-fé, estelionato, trambique, colusória, contrabando, burla, adulteração, trapaça, aliciamento, calote, engodo, farsa, rolo, logro, tapeação, charlatanice, mentira, parolice, patranha, desonestidade, dessonra, indecência, deslealdade, improbidade...

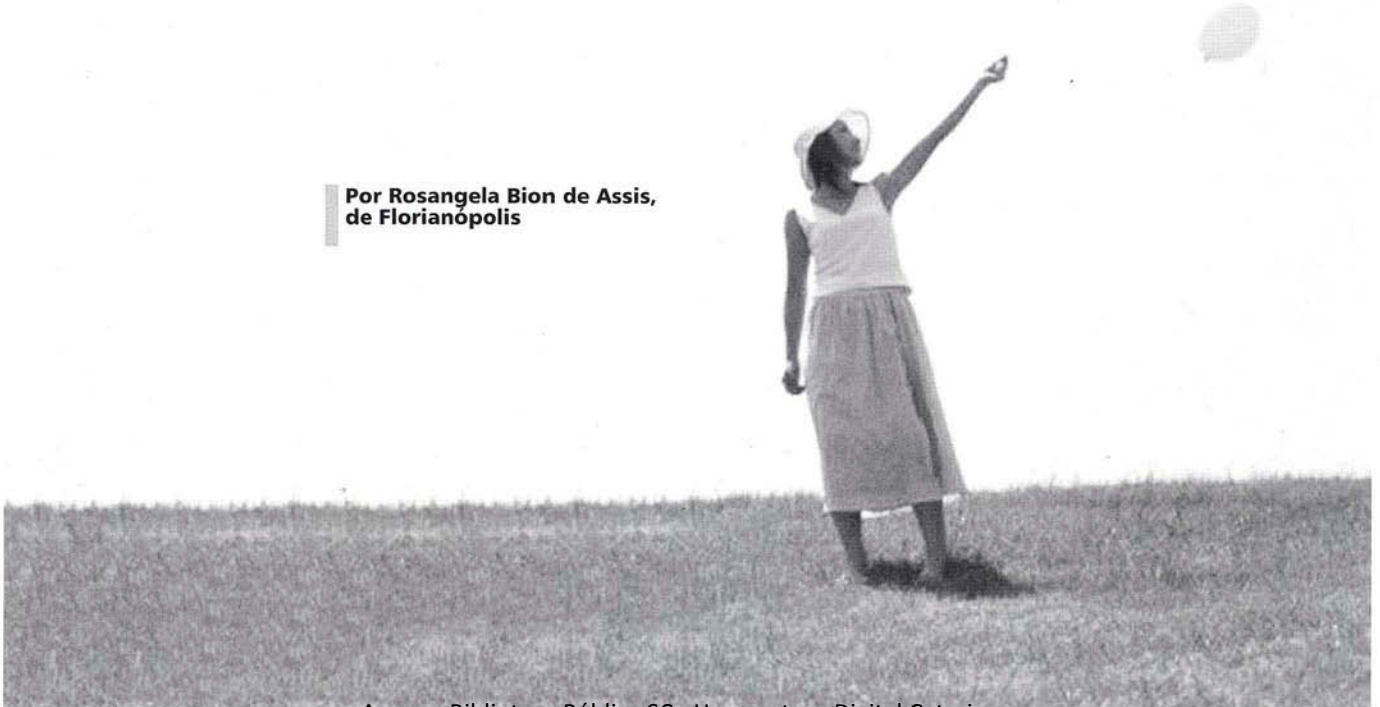
Celebração

A partir deste ano não haverá uma festa.
Distribuirei o bolo lentamente
por todos as luas, em cada estação.

Este ano o presente não poderá ser embrulhado,
haverá de ser merecido:
manter a tranqüilidade diante do furacão.

Este ano vou estar sempre pronta
para a festa que não terminará.
E todos os dias que me restam
serão de celebração.

Por Rosângela Bion de Assis,
de Florianópolis



Floripa, osso de pérola

Desterro de esquina sem meio-fio frio e redondo o mapa nos trevos muito demasiados no forno de cimento que atropela o mato restinga pinga piche suor latão tango mané de pé até a praia calção na raia beira mar esgoto de rico pirão de pobre no morro morro e ressuscito n'água d'água tô azul escuro de olho na lua vermelha do santinho noiva de branco em coqueiros vô verde jogado na areia amarela dourada de sol sal na boca no corpo a cidade toda ilha braço continental me abraça até o brasil que tá do lado pênsil da história glória de ilha oblonga com seios apontando o céu do tico-tico da caixa e da cruz luz córrego terra me desterra lagoa dentro durmo saracura pra voar-te todo dia do vermelho até o tavares da daniela ao ribeirão figueiroso osso de pérola no meio do mar.

Raul Fitipaldi

Pé na comunidade na página 4

Foto: Miriam Santini de Abreu



Assistentes sociais trabalham com
Liberdade Assistida no Monte Cristo

Maio de 1968, um quarentão, na página 7

Bah, a croniportagem da página 11 é de Porto!

